QUESTÕES DE TEOLOGIA FUNDAMENTAL

Notas e Reflexões Contemporâneas

Organizador
José Aguiar Nobre

SABER CRIATIVO

SUMÁRIO

PREFÁCIO 7
José Aguiar Nobre

EDUCAÇÃO PARA O COLETIVO
EM UM MUNDO DE CONFLITOS 11
Guadalupe Corrêa Mota

A LEI NA PERSPECTIVA
DE TOMÁS DE AQUINO 43
Antônio Wardison Canabrava da Silva

PAUL RICOEUR E A FORÇA DAS PALAVRAS 59
André Luiz Lemos

QUEIRUGA E PAPA FRANCISCO:
LEITORES ATENTOS AOS SINAIS DOS TEMPOS 81
Emerson de Almeida Amaral

DO ATEÍSMO AO NEOATEÍSMO:
UMA INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO
DE RICHARD DAWKINS 107
Mateus de Lima Ramos

CONTRIBUIÇÕES REFLEXIVAS DO PAPA
FRANCISCO PARA A VIVÊNCIA CRISTÃ
NA SOCIEDADE DE HIPERCONSUMO 129
Renan Mascarenhas Santos

PSICOLOGIA E TEOLOGIA:
INTERFACES DA FORMAÇÃO HUMANA 149
Maria Aparecida da Silva Brandão

LINGUAGEM RELIGIOSA PARA NOVOS TEMPOS:
A MESMA PAIXÃO NA COMUNICAÇÃO DE DEUS 187
José Aguiar Nobre

POSFÁCIO 201
José Aguiar Nobre

SOBRE OS AUTORES 207
ÍNDICE REMISSIVO 211

PREFÁCIO

José Aguiar Nobre

A Teologia Fundamental, ao se dedicar à reflexão crítica sobre os fundamentos da fé cristã, busca não apenas responder aos desafios intelectuais que se apresentam em cada época, mas também inspirar caminhos de formação humana integral em profunda sintonia com o dinamismo da história e os sinais dos tempos, iluminados pelo falar e agir de Jesus de Nazaré. Em tempos marcados pelo pluralismo cultural, pelo avanço do secularismo e pela emergência de novas formas de subjetividade, refletir sobre a fé não é exercício de mera erudição: é um convite a pensar o sentido último da existência e a responsabilidade ética que daí decorre. Sem deixar de dizer que essa reflexão brota de um ato eminentemente orante, uma vez que qualquer ponderação que se queira eficiente e lúcida, ela é, em si, um ato segundo, isto é, uma evidência de acolhida da misericordiosa doação de Deus para o mundo.

Em vista disto, este livro reúne diversos autores e perspectivas que, em diálogo com a Tradição, com as Sagradas Escrituras e à luz do Magistério vivo da Igreja, vivem a contemporaneidade, exploram questões decisivas para o pensamento teológico e para a construção de uma vivência cristã madura, capaz de integrar razão, afetividade e compromisso social.

O primeiro capítulo introduz a obra situando o horizonte amplo em que se inscrevem as reflexões que se seguem. Em **Educação para o coletivo em um mundo de conflitos**, a professora Guadalupe Corrêa Mota propõe uma abordagem que conjuga antropologia e teologia, ao questionar como educar para a convivência e para a alteridade, abordando os fundamentos da dimensão comunitária do cristianismo.

Na sequência, o texto intitulado **A lei na perspectiva de Tomás de Aquino**, redigido pelo Antônio Wardison Canabrava da Silva, retoma a tradição tomista para iluminar a relação entre lei natural, razão e liberdade, elementos indispensáveis à compreensão de uma ética cristã enraizada na dignidade humana.

A reflexão sobre linguagem e interpretação ganha força em **Paul Ricoeur e a força das palavras**, capítulo escrito por André Luiz Lemos, que destaca a importância da hermenêutica para uma fé que não se isola da experiência histórica. Esse tema encontra ressonância em Andrés Torres Queiruga e no Papa Francisco. São pensadores que, atentos aos sinais dos tempos,

apontam que a revelação divina se dá em diálogo permanente com a história e a cultura.

O itinerário se aprofunda com o texto **Do ateísmo ao neoateísmo**, em que o autor Mateus de Lima Ramos oferece uma introdução crítica ao pensamento de Richard Dawkins. Aqui, a Teologia Fundamental se confronta com a necessidade de requalificar o discurso sobre Deus diante de uma mentalidade cientificista.

Em contrapartida, com o escrito **Contribuições reflexivas do Papa Francisco para a vivência cristã na sociedade de hiperconsumo**, escrito por Renan Mascarenhas Santos, o leitor é levado ao entendimento de que a fé não se limita à esfera privada, mas inspira uma prática comprometida com a justiça, a sobriedade e a solidariedade.

A articulação entre dimensões psicológicas e espirituais é aprofundada em **Psicologia e teologia: interfaces da formação humana**, de autoria de Maria Aparecida da Silva Brandão, que propõe caminhos para integrar maturidade afetiva e experiência de fé.

Por fim, no texto **Linguagem religiosa para novos tempos**, de minha autoria, retomamos o desafio de comunicar o Evangelho de forma significativa, sem renunciar à profundidade da Tradição. Ou, em outras palavras, somos desafiados a adotarmos uma linguagem que seja inteligível para a comunicação do mistério amoroso de Deus, a fim de

que o mundo tenha a graça de contemplar cada vez mais as gentilezas divinas para conosco.

Ao longo destas páginas, o leitor encontrará reflexões que, em diferentes níveis, testemunham a vitalidade da Teologia Fundamental como disciplina que se coloca a serviço de uma formação humana integral: aquela que reconhece no encontro com Deus a fonte última do sentido e a força capaz de renovar a vida pessoal e comunitária.

Este livro é, assim, um convite a pensar e a viver a fé com inteligência, liberdade interior e abertura ao diálogo, na certeza de que toda genuína experiência teológica brota de uma paixão pelo humano e pelo divino.

EDUCAÇÃO PARA O COLETIVO EM UM MUNDO DE CONFLITOS

Guadalupe Corrêa Mota

Estas reflexões sobre a "Educação para o coletivo em um mundo de conflitos" inserem-se na interrelação entre Teologia e Educação, entre Igreja e Sociedade, na convergência daquilo que o Papa Francisco aponta como um "pacto" em prol de uma educação para um novo humanismo, em que seja possível gerar homens e mulheres novos que se compreendam e vivam como irmãos e irmãos, membros da grande família humana em todos os recantos desta nossa fragilizada Casa Comum. Francisco deixa muito claro em suas falas essa relação intrínseca entre educação e teologia quando aponta o papel humanizador da educação e a importância de discernir o "jeito de Deus agir", isto é a pedagogia de Deus, que está sempre a procurar o coração humano para nos falar de seu desejo de construir um mundo bom, belo e justo para que todos os seus filhos e filhas possam viver e conviver em harmonia. É uma tarefa

permanente o sonho da construção desta "gramática da fraternidade" pela via da educação.

Certamente que uma educação para o coletivo em um mundo de conflitos é um tema complexo e aberto a todo tipo de explicações, interpretação, justificativas. Cada um poderá ter a sua definição de educação, de coletivo, de mundo, de conflitos, usando, para isso, diferentes ciências: psicologia, sociologia, antropologia, direito, ou Religião, de modo que quero deixar clara a delimitação que fiz da temática, de onde parto, os pressupostos assumidos e, os limites desta minha reflexão. Meu ponto de partida é o convite a pensar comigo sobre a temática a partir da seguinte questão: por que é necessária uma Educação para o coletivo em um mundo de conflitos?

Sendo a educação um conceito polissêmico – e aqui penso em educação em sentido alargado, não apenas restrito ao âmbito das instituições escolares -, eu parto da perspectiva antropológica que traz a educabilidade como um traço constitutivo da comunidade humana, pois se trata do humano e de suas relações e do seu modo de existir que é sempre coletivo. Porque somos incompletos, inacabados, inadequados - do ponto de vista da biologia - para dar conta da sobrevivência independente no mundo – é no processo coletivo de educação com os demais humanos que se aprende a ser humano e que se consegue viver como humanos. E, nesse processo educativo, responder às perguntas: "o que é o ser humano?", ou o "que é ser humano?", nos leva para

diferentes concepções antropológicas e teológicas através das quais se abre, igualmente, todo um leque de reflexões que não cabem neste texto. Mas a mencionei apenas para situar a relação Teologia/Educação porque, no nosso processo educativo – nas escolas ou nas comunidades eclesiais – também educamos e nos educamos para determinada perspectiva teológica ou antropológica com consequências concretas para o tipo de sociedade que queremos construir.

Uma primeira aproximação ao tema é pensar em "como" educar para o coletivo em um mundo de conflitos. Afinal, a Igreja é "perita em humanidades", como nos lembrava São Paulo VI, na *Populorum Progressio*, n. 13. Mas, talvez, apresentar um elenco de "como educar" seja a tarefa mais cômoda, mais segura, mais confortável porque, esse "como" está disponível no nosso rico acervo de documentos e ensinamentos e, hoje, facilmente acessado através das tecnologias de informação e comunicação. As "novas circunstâncias" do acelerado tempo presente (CELAM, DAP, 2007, n. 11) em estado de ebulição - nas questões climáticas, ambientais, tecnológicas, políticas, culturais, religiosas, humanas pessoais e coletivas – estão a exigir de nós, educadores, a coragem de parar para nos darmos tempo para habitar uma pergunta. Esse tempo de habitar a pergunta sobre o porquê nos coloca na situação de compreender o que, de fato, está a ser perguntado e que, no burburinho do cotidiano, não nos é permitido discernir. Daí

que se encantar com o "como" é mais prático e nos dá aquela sensação de "dever cumprido".

Para situar a problemática - por que é necessária uma educação em um mundo em conflito? , menciono uma série de sintomas – ou seriam causas? – que se apresentam como os elementos dessa moldura de conflitos de nosso cotidiano. Essas palavras se tornaram tão comuns no nosso cotidiano que, talvez, estejamos perdendo a real dimensão do significado delas para a qualidade das sociabilidades nefastas que estamos construindo.

Eis alguns:

Neoliberalismo; financeirização e mercadorização da vida; militarismo; terrorismo; mercenarismo; judicialização da vida; a nova onda de "ismos": nazismo, fascismo, nacionalismo/fronteiras, populismo, reducionismos de toda ordem, clericalismo, episcopalismo, leiguismo; relativismo, instrumentalização da religião como estratégia política; fundamentalismo religioso; guerras de religião; perseguição religiosa; xenofobia, aporofobia; crise climática, migrações, campos de refugiados; violência sexual nas guerras, feminicídio, tráfico de humanos, venda de órgãos, tráfico de drogas; bioengenharia genética, edição genética; inteligência artificial; viagens espaciais, colonização de outros planetas; futuro do trabalho humano diante da robotização do mercado de trabalho; epistemicídio; etnocídio; ecocídio; questão indígena, ribeirinha, quilombola; questão de gênero e identidade sexual; ideologia de gênero; negacionismo científico; revisionismo

histórico; guerra por recursos naturais (petróleo, lítio, água, gás, madeira); relações comerciais bi ou multilaterais; novas tecnologias bélicas; guerra híbrida; potências nucleares; agricultura orgânica x agrotóxicos; democracia x ditaduras; saúde, educação, segurança: serviços privados ou direitos humanos?; guerra cultural, guerra de costumes, marxismo cultural; crise de valores. E no campo da educação: educação pública x educação privada, educação tradicional x inovadora: educação laica x educação religiosa; professores humanos x máquinas de 'ensinar" etc.

As sociedades contemporâneas, atravessadas pela hegemonia do capitalismo tecnocrático, que prima pela lógica da globalização cultural, tecnológica, política e pela exacerbação da meritocracia neoliberal subjetivista, tornaram-se palcos constantes de eventos conflitivos de toda ordem, que, podemos dizer são, de fato, a performance de espetáculos brutais da falência – ou quase o ponto de não retorno – dos ideias civilizatórios que vieram nos moldando nos últimos séculos no Ocidente: igualdade, liberdade e fraternidade (valores seculares e tão cristãos) estão a queimar – literalmente, na 'guerra mundial em pedaços' (8/9/2022 – Mensagem do Papa aos Diplomatas na Santa Sé e repetidos em outros textos), como nos alerta o Papa Francisco, de modo a comprometer radicalmente tanto as condições materiais quanto as simbólicas culturais do ideal da convivência humana como uma grande família, e da fraternidade universal, como proposto no nosso credo de fé.

O Magistério tem apontado algumas causas desse cenário de permanente "guerra mundial em pedaços", ao mesmo tempo que faz a autocrítica em relação à responsabilidade da comunidade cristã na defesa e na disseminação de algumas dessas causas de conflitos.

Vejamos o que diz Papa Francisco, apenas para ficarmos nos diagnósticos mais recentes. Porém, como o Papa alerta, não se trata de mero diagnóstico de natureza sociológica. Esse olhar para este mundo em convulsão é uma tarefa do cristão implicado existencialmente com o testemunho da novidade evangélica na escuta dos "sinais dos tempos", ou seja, o exercício permanente do discernimento evangélico. Por isso, esse olhar crítico é permeado, sobretudo, pela fé e pela esperança generativa da vida nova, da descoberta de possibilidades de transformações possíveis aqui e agora, decorrente da fé na palavra operante do Senhor Jesus neste nosso tempo histórico. É para tornar possível, para todos os habitantes do planeta, a alegria do Reino de Deus neste mundo em convulsão que devemos nos deter, perder tempo, habitar a pergunta do porquê chegamos aonde chegamos como humanidade. E nossa parcela de responsabilidade por tal estado de convulsão.

Esse elenco de situações (que podem ser causas ou sintomas de conflitos), que papa Francisco aponta em alguns documentos, nos dão uma visão de conjunto desse panorama completo e interligado. Isso porque estamos vivendo, também no mundo real, aquilo que vem sendo chamado das "bolhas digitais": temos a ilusão de ter atingido um alto grau de conhecimento da realidade,

sabemos instantaneamente de "tudo" o que acontece em qualquer canto do planeta, mas o que, de fato, está acontecendo, é que estamos nos tornando especialistas em "mais do mesmo". E este "mais do mesmo" é cada vez mais desconectado da realidade, em que criamos verdadeiras realidades alternativas, mundos paralelos que vão sendo alçados à condição de 'verdade'. Aí está o fenômeno das *fake News*, da pós-verdade, em que na hora de criar e modelar a opinião pública, os fatos objetivos têm menos influência que os apelos às emoções e às crenças pessoais.

Causas estruturais do mundo em conflito segundo o Papa Francisco	
Cultural	**Política**
EG, 52 Crise do compromisso comunitário - Mudança de época, transformação histórica; Estamos na era do conhecimento e da informação.	*EG*, 52 Mercadorização da vida e cultura do descarte - "O ser humano é considerado, em si mesmo, um bem de consumo que se pode usar e depois jogar fora. Com a exclusão, fere-se na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive.
EG, 61 Alguns desafios culturais: - Ataques à liberdade religiosa - perseguição aos cristãos - níveis alarmantes de ódio e violência. - indiferença relativista - desilusão e a crise das ideologias - reação a tudo o que pareça totalitário.	*EG*, 59 Hoje, em muitas partes, reclama-se maior segurança. Mas, enquanto não se eliminar a exclusão e a desigualdade dentro da sociedade e entre os vários povos será impossível desarraigar a violência.